



Memória e Ressignificação da Romaria do Bonfim: A “influência” dos meios de comunicação na perspectiva do olhar dos romeiros idosos tocantinenses.¹

Weberson Ferreira DIAS²

RESUMO

Com base nos princípios descritos na tese de doutoramento de Luiz Beltrão na década de 60 pela Universidade de Brasília, este trabalho nasce com o objetivo apriorístico de estudar e analisar as supostas contribuições do campo midiático para a ressignificação da maior festa cultural e religiosa do Tocantins: a Romaria do Nosso Senhor do Bonfim, através do olhar dos participantes ativos idosos da festa. O evento acontece em três municípios do Estado, porém Natividade foi a cidade escolhida, dado seu valor histórico e cultural. A procissão acontece num povoado a 20 km daquela cidade. O método utilizado será a História Oral, que possibilita uma série de entrevista na população considerada idosa, que segundo o IBGE, são pessoas que possuem acima de 60 anos, a fim de verificar se esta reconhece elementos midiáticos de suposta interferência.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Romaria do Bonfim; Cultura popular; Tocantins; Comunicação.

O berço cultural do Tocantins

Criado em 05 de outubro de 1988, hoje com 24 anos, o Tocantins é o mais novo Estado do Brasil. Porém, embora jovem enquanto ente federativo, o Estado conserva as tradições herdadas ao longo de sua história que antecedem até mesmo a época em que era norte de Goiás. Ao patrimônio cultural, somam-se as expressões do povo tocantinense que, por sua vez, tornaram-se reflexos de culturas milenares, que fazem

¹ Trabalho apresentado no GT 4 Folkcomunicação e Desenvolvimento da XVI Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Este trabalho é resultado parcial das pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa “Mídia Real”, coordenado pelo Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho e pertencente ao Programa de Pós graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará – PPGCOM/UFPA.

² Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: webersondias@gmail.com.



com que o Estado, nesse aspecto, seja considerado um dos mais ricos do país, isso por congregar e dar vozes aos saberes, às festas e às formas de expressão de sua gente.

Ao se fazer um breve mapeamento da riqueza do Tocantins, é possível identificar patrimônios materiais e imateriais que vão desde a culinária regional ao turismo local. A grande diversidade de manifestações é representada pelas festas populares religiosas (como festejos, congadas, cavalhadas, romarias, folias, etc), danças tradicionais (Sússia, Catira, Jiquitaia, etc), entre outras manifestações que misturam folclore, cultura, turismo e religião como requisitos para união do grupo, manutenção da cultura como forma de resistência, motivação econômica e a busca de algo sobrenatural no “outro mundo”, a fim de resolver problemas do dia a dia (DaMATT, 1994, p. 122). Um dos exemplos das manifestações do Estado é a maior festa cultural e religiosa do Tocantins, a Romaria do Nosso Senhor do Bonfim, objeto desta pesquisa.

Esta festa é celebrada nas cidades de Fortaleza do Tabocão, Araguacema e Natividade e é considerada a manifestação cultural e religiosa mais popular do Tocantins, atraindo todos os anos para Natividade aproximadamente 80 mil fiéis, notadamente vindos da zona rural. Neste município, a festa acontece na primeira quinzena do mês de agosto e, durante os dias do evento, que faz parte do chamado Calendário da Fé do Estado, os romeiros peregrinam até o povoado, situado cerca de 22 km de Natividade, para cantar louvores ao Senhor do Bonfim³ e pagarem suas promessas. A romaria, em suma, traduz-se como manifestações que reafirmam o grande potencial cultural do Estado e “reúnem um pouco do modo de ser e fazer do povo tocantinense” (BARBOSA *et all*, 2008, p. 70).

O interesse em pesquisar a Romaria do Nosso Senhor do Bonfim surgiu a partir de duas visitas à Natividade, o que ocorreu por ocasião das realizações do Seminário Nacional de Arte, Comunicação e Cidadania, evento realizado naquela cidade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), nos anos de 2006 e 2007.

³ A primeira imagem do Senhor do Bonfim foi trazida para Salvador, Brasil, pelo Oficial da Marinha, Teodósio Rodrigues de Faria, em 1745. A imagem era uma cópia da imagem venerada em Setúbal, cidade portuguesa, a 30 km do sul da capital. A imagem original teria sido encontrada por uma mulher numa praia, entre pedaços de madeira, possivelmente restos do naufrágio de um navio (GROETELAARS, 1983, p.16).



Partindo do já dito, e do pressuposto de que o Tocantins é um celeiro importante para pesquisas e que no Estado existe um nicho de expressões e manifestações culturais que pode ser estudado e avaliado como fenômeno folkcomunicacional, despertou nosso interesse em especial as seguintes questões: Qual é o olhar do devoto idoso, nativitano, que participa da Romaria do Bonfim, sob o ponto de vista da influência midiática para a ressignificação do folguedo? Quais são os atributos de resgate cultural que podem ser feitos por meio deste fenômeno? Quais fatores contribuem para a manutenção do folguedo, segundo os agentes comunicadores⁴ envolvidos?

Cultura e Desenvolvimento Local

Apesar da importância cultural e religiosa da Romaria do Bonfim, não localizamos, até então, nenhum estudo que verse especificamente sobre a manifestação sob a ótica dos participantes idosos de Natividade envolvidos ativamente no evento. O objetivo é identificar neles, apropriações midiáticas pela liderança da festa que possibilitaram possíveis ressignificações sofridas. Talvez possamos evidenciar até mesmo as características socioculturais citadas pelo professor José Luiz Braga, como baixa escolaridade, insuficiente socialização educacional, distribuição muito diferenciada de acesso a bens culturais e estrutura socioeconômica radicalmente cindida. “Tudo isso são restrições sérias e compõe diretamente o quadro das processualidades de uma sociedade deformada midiatizada” (BRAGA, 2006, p. 334).

Além da deformação midiática que atrapalha a criticidade social da mídia, percebe-se também que o jornalismo cultural seguiu a linha da comunicação de massa e tem reproduzido o que a sociedade capitalista vivencia diariamente: a *indústria cultural* (ou *cultura de consumo*), quando sobra espaço apenas para elementos da cultura de massa produzidos em sociedade, como cinema, teatro e dança.

A essa visibilidade, Muniz Sodré denomina de “iluminação midiática”, que seria concentrar o foco visionário das tecnologias comunicacionais sobre determinados

⁴ Entende-se por agente-comunicador de folk, os líderes de opinião que são reconhecidos pelo prestígio, influência, participação ativa e arraigadas convicções filosóficas junto à comunidade ou os eventos realizados por esta (BELTRÃO, 1980, p. 35).



aspectos da realidade e também fazê-lo no quadro de uma estesia ou de uma estética que não se confunde com a arte. Ainda segundo o autor, “toda estesia prescritiva ou moral generaliza-se midiaticamente para a esfera social por meio de signos s ícones da ordem do consumo” (SODRÉ, 2013, p. 58).

Na linha da ideia de Muniz Sodré (SODRÉ, 2013, p. 61) que afirma que essa iluminação midiática implica uma retórica compatível com a razão tecnomercadológica, portanto, a mesma do consumo, Schmidt (2008, p. 03) observa que diante dessa sociedade capitalista e também globalizada, há um risco cada vez maior de que as manifestações sejam pouco a pouco coisificadas e a cultura popular, ao adequar suas manifestações, tornem-se produtos comercializáveis.

Porém, um grupo tenta resistir ao que Adriano Duarte Rodrigues prescrevia já em 1994 e Luiz Beltrão afirmou após pesquisas no Brasil no período da Ditadura Militar, que mesmo com a “planetarização da informação”, eram cada vez mais evidentes os regionalismos, os nacionalismos e os fundamentalismos, “fenômenos que parecem resistir à força homogeneizadora da informação planetária” e do mesmo modo, parecem “promover a sua própria ordem de valores à margem das pretensões universalizantes da ordem informativa midiática” (RODRIGUES, 1994, p. 19-20). Em Luiz Beltrão, o povo resiste ao imperialismo cultural e teima obstinadamente em defender suas características julgadas nacionais contra o nivelamento pela cultura internacional, dirigida e comum (BELTRÃO, 2001, p. 62).

Antes, Cascudo (1972, p. 334-335) afirmava ha mais de quatro décadas, que “onde estiver um homem, aí viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica”. Hoje, a afirmação pode ser constatada através da cultura popular de resistência, que ao longo de gerações tem formulado suas regras e peculiaridades, criando normas para a realização em comunidade, tornando-se uma tradição. A manutenção da tradição nas comunidades marginalizadas, no contexto comunicacional hegemônico e globalizado, é sistematizada por Schmidt (2008), quando a autora observa que o universo da cultura está intimamente ligado à cotidianidade, apresentando aspectos físicos, simbólicos e imaginários da vida, dificultando a separação de elementos da esfera material da



espiritual, o novo do velho, o sagrado do profano⁵, o original da réplica, o que fortalece os laços de comunicação interpessoal, intergrupal ou extra-grupo transmitindo, assim, suas ideias, valores, sentimentos e experiências. Em pesquisa monográfica, realizada no município de Natividade sobre a Folia do Divino, outra manifestação cultural tocantinense, Poliana de Sousa observou que a recepção e o entendimento da festa como meio comunicacional, depende da tradição do grupo, entre os quais sua relação no dia a dia e a cotidianidade (SOUZA, 2007, p. 14).

Cotidianidade que pode sofrer alterações a partir da interferência midiática. Rodrigues já anuncia na década de 90 uma suposta influência do que batizou como ‘dispositivos da informação’, que “funcionam como um sistema nervoso da experiência, fazendo repercutir instantânea e automaticamente pelo tecido social o seu influxo” (RODRIGUES, 1994, p. 24).

Em artigo em 2008, Cristina Schmidt observou que nas últimas quatro décadas, uma explosão de informações alteraram a formatação das manifestações consagradas pelos folcloristas, modificando os limites entre os aspectos que as compõem e as separam, o que se dá com a inclusão de novas formas à cultura e a incorporação ou reciclagem daquelas já existentes. Martin-Barbero já dava insinuações sobre o assunto ao tratar das transformações nas culturas erudita e popular: “Com o tempo a oposição vai dando lugar a um diálogo feito de pressões e repressões, de empréstimo e resistências” (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 93).

Com o intuito de preservar sua cultura e transmitir sua forma de pensar e de expressar o mundo a sua volta, um grupo de romeiros deixa de lado, temporariamente, seus vários papéis desempenhados como pais ou mães, agricultores, estudantes, etc, comuns na sua experiência cotidiana, para seguirem ao pequeno povoado de Bonfim, com população de 28 famílias (o equivalente a 100 habitantes), palco da maior tradição cultural e religiosa do Tocantins: a Romaria do Nosso Senhor do Bonfim. Lá, o grupo engrossa a massa de devotos que pagam promessas e agradecem ao Santo pelas graças alcançadas.

⁵ Para Émile Durkheim (1989, p. 72) os interditos protegem e isolam as coisas sagradas e se aplicam às coisas profanas, sugerindo certa distância em relação às coisas santas, o qual não deve e não pode impunemente tocar. Para Durkheim, as crenças religiosas são representações que exprimem “a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm entre si e com as coisas profanas”.



A peregrinação ao povoado nasceu graças ao descobrimento por um vaqueiro de uma suposta imagem do Senhor do Bonfim encontrada sobre um tronco cortado numa região de várzea, onde hoje está localizado o Santuário. Ao descobrir a imagem do Santo sem os membros inferiores e superiores, o homem a levou para casa. Porém, no dia seguinte, a imagem desapareceu, sendo encontrada no mesmo local que havia sido achada pela primeira vez. Com o tempo, em decorrência do que Rodrigues considera como “cadeias de transmissão”, o mito deu a estatueta status de sagrado. Segundo o autor, a rememoração tradicional é feita predominantemente através da expressão oral dos mitos fundadores originários. Para ele:

A rememoração mítica permite, não só a transmissão dos inventos do passado, mas também a integração num todo coerente das inovações, quer se trate da integração de novos membros na comunidade dos homens, através dos processos de iniciação, quer se trate de integrar a invenção de novos instrumentos e utensílios técnicos, destinando-lhes de antemão um lugar e uma função, em ordem à preservação e ao desenvolvimento (RODRIGUES, 1994, p. 55-56).

Para assegurar essa preservação da memória, o grupo tem a incumbência de transmitir a memória organizada e retida às novas gerações, que atuam como romeiros ou na preparação do trabalho religioso, durante as celebrações rituais “que nutre a vida, a fé e os sonhos” (BRANDÃO, 1985, p. 134) e também são responsáveis por rememorar, transmitir e atualizar essas narrativas míticas (RODRIGUES, 1994, p. 55).

O conhecimento que temos até o momento sobre a Romaria em questão, faz crer que essas manifestações criam seus próprios modos de expressão, bem como sintaxe e vocabulário próprios, o que no contexto folkcomunicacional demonstra e representa que cada agente comunicador, ligado ao folclore, emprega o canal que lhe é disponibilizado e que tem experiência operacional e vivencial, o que possibilita que seu público seja refletido na mensagem. Nessa comunicação interpessoal, as mensagens são elaboradas, compreendidas e repassadas em linguagens e canais familiares à audiência (BELTRÃO, 1980, p. 28), o que faz do ambiente rural um espaço propício para rituais religiosos do catolicismo popular⁶ (BRANDÃO, 1981).

⁶ Conceito criado na década de 60 pela intelectualidade católica, que caracteriza o contato do fiel com o “outro mundo”, no nível das representações simbólicas ritualísticas, que potencializam o aspecto sagrado do ser humano e supostamente resolvem problemas que afetam sua vida diária.



A ambientação do objeto estudado é uma miscelânea de religião, tradição, cultura, turismo, folclore, comunicação e devoção e, no que diz respeito ao vocabulário, esse é composto pela emoção, pelas representações visuais e pela fé. Já o canal da mensagem são as representações religiosas e culturais, como a entrega de oferendas no altar e o acompanhamento das atividades do início ao fim das celebrações ao santo. Todas essas referências culturais e seus significados simbólicos deverão ser estudados com fundamentação nos trabalhos citados a seguir.

A bibliografia básica a compor esta pesquisa, ainda em andamento, será de trabalhos oriundos do campo dos Estudos Culturais, em especial os estudiosos da Escola de Birmingham, que privilegiam as atitudes dos indivíduos, o papel dos sujeitos, das estruturas sociais e, portanto, representou a virada no olhar teórico sobre o receptor a partir do seu “envolvimento”. O eixo principal do estudo é a teoria da Folkcomunicação, elaborada por Luiz Beltrão, que a caracterizou como a comunicação dos marginalizados em relação aos grandes veículos de comunicação. Serão verificados também os estudos dos demais pesquisadores que contribuem para pesquisa nesse corpo empírico, entre outros, Antônio Hohlfeldt, Cristina Schmidt, Carlos Braga, José Marques de Melo, Alceu Maynard e Roberto Benjamim.

Metodologia a ser empregada

A presente pesquisa em andamento é de natureza qualitativa, por se restringir ao campo social, que se preocupa em analisar e interpretar (MENEZES e SILVA, 2001). Os sujeitos da pesquisa compreendem um grupo de romeiros idosos, que segundo o IBGE (2010, *on-line*) são cidadãos acima de 60 anos, comuns no folguedo realizado na região de Natividade. A coleta de dados tem como fundamentação três métodos de pesquisa, quais sejam, a documentação indireta (pesquisa bibliográfica), a documentação direta (pesquisa exploratória) e a história oral⁷.

⁷ Com base em pesquisas de Boll e Oliveira (2010), história oral é o conjunto de procedimentos externos ao projeto, onde se pressupõe que um grupo de pessoas aceite conceder entrevistas, havendo “planejamento na condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas”. Além disso, para a aplicação da



Inicialmente, a estratégia será a realização de levantamento bibliográfico, seleção de materiais que falam sobre a referida romaria - ou a região de intersecção do estudo-, a religiosidade católica brasileira impressa e outras questões relacionadas à cultura popular e religiosa que permeiam o evento da Romaria do Bonfim. Na segunda etapa, construiremos um roteiro de visitas que seja coerente com a data de ocorrência do evento. Antes de partir para a pesquisa exploratória na comunidade, também faremos um levantamento que culminará no roteiro dos entrevistados em potencial. Para tanto, será fundamental a identificação prévia dos futuros informantes mais antigos, que serão selecionados com base em visitas feitas antes do início da pesquisa de campo e seu amplo conhecimento sobre a Romaria.

Logo depois, iniciaremos a execução da terceira fase do trabalho, que é a pesquisa de campo, com recorte empírico definido. Nesta etapa, realizaremos o contato direto com a comunidade no local, a fim de colher informações *in loco*, isso com base nos ensinamentos de Alfredo Bosi (1992, p. 309) de que a cultura deve sempre ser pensada no plural e dentro de um contexto, a partir de divisões plurais com base em alguns critérios, como o de gênero, por exemplo. Nesta etapa, serão gravadas as entrevistas com aproximadamente 20 romeiros idosos, que conhecem a história e participam ativamente de todas as edições da Romaria, o que faz deles “sujeitos históricos transformadores de uma realidade que é modificada conforme um saber particular, onde tecem suas redes de sentidos e significados culturais” (Geertz, 1978, p. 56).

Com base na aplicação do método de História oral, que valoriza “a narrativa, a experiência, os sentimentos e os significados” (TESKE, 2006, p. 06) que o folguedo trouxe aos romeiros durante os dias do evento, e também nas normas do CPDOC⁸, pretendemos realizar os diálogos com os Romeiros no Santuário ou em outros espaços, priorizando a interação com o grupo. Diariamente, à noite, serão registrados os principais acontecimentos do dia no Diário de Campo, instrumento de pesquisa que utilizaremos amplamente, conforme sugestão de José Marques de Melo.

metodologia da história oral nesta pesquisa, o grupo irá contribuir na coleta de dados, cedendo documentos antigos guardados e fotos de família, além de entrevista com os membros significativos da comunidade (BOLL e OLIVEIRA, 2010).

⁸ É o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).



No quarto momento, durante as entrevistas, faremos também uma abordagem sócio-histórico-econômica, geográfica e mitológica a respeito da origem do Santuário do Senhor do Bonfim e do município onde ele se encontra, a partir da oralidade, bem como de outros materiais coletados de leituras e análises de fontes existentes, com a finalidade de compreender o significado dos espaços frequentados pelo grupo de romeiros deste estudo. Infere-se aqui também que na transcrição das entrevistas, a linguagem coloquial dos envolvidos deve ser mantida, com base na narração oral das lembranças no ato da gravação, respeitando-se, assim, as características próprias dos entrevistados. Além das entrevistas, pretendemos também realizar o registro fotográfico e cinematográfico dos atores envolvidos na Romaria do Bonfim e de todas as ações e pontos visitados durante a pesquisa, ao que seguirá, por fim, o período das análises.

A Importância de Pesquisas da Cultura Tocantinense

A hipótese levantada neste trabalho é que a Romaria do Bonfim, no Tocantins, apesar de ser uma manifestação cultural e religiosa circunscrita ao município de Natividade, tem sido ressignificada por uma suposta “influência” midiática, o que seria facilmente perceptível ao olhar dos atores envolvidos no folguedo. Entendemos que a cultura popular é algo importante, uma vez que se contribui para a (re) afirmação da identidade tocantinense e por se constituir como um significante elo de preservação da memória local, resistindo a cultura de massa através do respeito religioso inserido na Romaria.

Essa resistência, no nosso modo de ver, é expressa através da tradição e preservação da literatura oral, dos rituais, das danças peculiares, das celebrações religiosas, entre outras manifestações. Assim sendo, uma das maneiras de justificar esta pesquisa é por chamarmos atenção para a importância de desenvolver estudos sobre este campo de comunicação popular, a folkcomunicação, como uma alternativa de resgatar a história e as tradições desse povo que mantém vínculo de identidade com a Romaria do Senhor do Bonfim, isso com a finalidade de que essa cultura popular, religiosa e folclórica do Estado não se perca no tempo e no espaço e não se transforme



em produtos vazios da indústria cultural, mas que possa continuar resistindo, mesmo que sempre se ressignificando, se reinventando ou se atualizando.

Um outro modo de justificar nossa pesquisa é por ressaltarmos a relevância em se fazer um apanhado, analisar e produzir material científico sobre a maior manifestação cultural e religiosa do Tocantins. Documentar essas expressões, através de textos, fotos e depoimentos gravados é também uma forma de contribuir com a preservação do patrimônio cultural do Tocantins, imprimindo, dessa forma, permanência e durabilidade às manifestações e ao turismo local, dado o fato de haver pouco material em bibliotecas e livrarias que abordem as características históricas, memoriais e culturais desta Romaria, o que, então, faz com que este estudo possa servir como fonte documental e de pesquisas para a posteridade.

Considerações Finais

As festas populares no Brasil são realizadas para homenagear, honrar ou rememorar personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais a comunidade se identifica e pelos quais se identificam os seus membros nos momentos da rotina. Além disso, esses eventos geralmente acontecem com o fim de homenagear santos padroeiros (BRANDÃO, 1974, p. 22). Se Brandão já havia observado isso, no Tocantins é exatamente o que acontece. Pelo menos uma vez ao ano, os romeiros deixam o ciclo de produção agrária e partem para o pequeno povoado a fim de manter viva uma tradição que já dura séculos. José Marques de Melo observou três fluxos de comunicação nas festas populares:

O fluxo de comunicação interpessoal, a festa como ativadora das relações humanas; o fluxo de comunicação massiva, a festa enquanto mobilizadora das relações dos grupos primários e a coletividade, através das mediações tecnológicas e o fluxo de intermediação comunicativa, produzindo a interação das comunicações interpessoais e massivas. (MELO, 2001, p. 115-116)

Além disso, pensar as mudanças sofridas na festa seria deixar de lado a preocupação da comunidade em introduzir novos elementos. José Marques de Melo vai além, e afirma que a incorporação de novidades às tradições populares é também uma



forma de “preservar identidades culturais ameaçadas de extermínio ou estagnação, quando confinadas em territórios pretensamente inexpugnáveis” (MELO, 2010, p. 100).

Ouvir essas comunidades em relação às apropriações culturais, é também dar vozes a quem faz o evento acontecer e ganhar projeção de espetáculo, a medida que passa a ser “iluminado” pela mídia. De forma tímida, no Tocantins, a TV Anhanguera (afiliada da Rede Globo) e o Jornal do Tocantins dão cobertura no ápice da Romaria. Dezenas de jornais impressos e portais na internet se limitam apenas a dar espaço aos releases e fotos disparados pela Secretaria Estadual de Cultura (Secult).

Nas romarias descortina-se, também, o que José Marques de Melo (2010, p.122) vai chamar de “comunicação religiosa”, constituída, segundo DaMatta, por “preces, rezas e discursos onde se acentuam a cônica sinceridade, a honesta súplica, a nobre humildade e naturalmente formidável promessa de renunciar ao mundo” (DaMATTa, 1994, p. 110).

Se é nessas ocasiões das festas populares e manifestação religiosas onde ocorrem intensamente as vinculações dos grupos sociais, descrita por Muniz Sodré em seu livro Antropológica do Espelho, repensar os modos de manutenção do folguedo é também contribuir para que a tradição se perpetue por gerações, como tem ocorrido atualmente, bem como seja motivador para outros olhares de pesquisadores à Natividade, cidade história do Tocantins e que pode se tornar uma fonte para novas pesquisas da religiosidade e cultura popular.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

BARBOSA, Joana Euda; SANTOS, Antônio Miranda dos; SILVA, Luciano Pereira da. Política de Preservação da Fundação Cultural do Tocantins. In: **Vivências e Sentidos**: o patrimônio cultural do Tocantins. Goiânia: Iphan/14ª Superintendência Regional, 2008.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO - FOLKCOM
“ARTE E CULTURA POPULAR PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
NO CONTEXTO DA FOLKCOMUNICAÇÃO”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo de agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Por to Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BOLL, Armindo, OLIVEIRA, Marcelo Pires de. **A Pesquisa de Campo em Folkcomunicação** - Escolhas de métodos de coleta de dados – o caso da história oral na pesquisa com as figureiras de Tabuaté. Disponível em <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/GT1-007-Pesquisa_de_campo_-Armindo_e_Marcelo.pdf>. Acesso em 02 de julho de 2010.

BORGES, Lenna. **Romaria do Senhor do Bonfim**: Missão, oração, conversão e união. 17 de agosto de 2011. Disponível em:< <http://secom.to.gov.br/noticia/2011/8/16/romaria-do-senhor-do-bonfim-missao-oracao-conversao-e-uniao/>>. Acesso em 30 de maio de 2012.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: Dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado**: estudos de religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Sacerdotes de Viola**: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: 1981.

CASCUDO, Luiz Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional, 1972.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO - FOLKCOM
"ARTE E CULTURA POPULAR PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
NO CONTEXTO DA FOLKCOMUNICAÇÃO"
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013.

CIANY, Débora. **Milhares de Romeiros celebram ponto alto do festejo.** Disponível em: <<http://www.jornaldotocantins.com.br/20120531126.86171#31mai2012/arte-vida-86171>>. Acesso em: 24 de maio de 2012.

DaMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Paulinas, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUIA TURÍSTICO TOCANTINS: Ecológico, Histórico e Cultural. São Paulo: Editare Editora Ltda, 2011.

GROETELAARS, Martien M. **Quem é o Senhor do Bonfim?** Petrópolis: Vozes, 1983.

IBGE. **Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/default.shtm>>. Acesso em: 23 jun 2012.

JÓIAS ARTESANAIS de Natividade. Brasília, DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às mediações.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MELO, José Marques de. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI.** In: UNESCO. Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional. Ano V. n.5 jan/dez. São Bernardo do Campo, 2001.

MELO, José Marques de. **Os caminhos cruzados da comunicação: Política, economia e cultura.** São Paulo: Paulus, 2010.

MENEZES, Estera; SILVA, Edna. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO - FOLKCOM
“ARTE E CULTURA POPULAR PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
NO CONTEXTO DA FOLKCOMUNICAÇÃO”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura: a Experiência Cultural na Era da Informação**. Lisboa: Editora Presença, 1994.

SOUSA, Poliana Macedo de. **Deus da Luz**: um olhar dos nativitanos sobre o vídeo-documentário. 2007. 70 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: Estado do conhecimento sobre a disciplina (artigo). Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – **Intercom**, ano 1, nº zero. Nov e dez 2008. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d6/GT1_05_CrisSchmidt.pdf>. Acesso em 30 Mai 2011.

TESKE Wolfgang; APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. A Roda de São Gonçalo no Quilombo da Lagoa da Pedra em Arraias –TO: um estudo de caso Folkcomunicacional. **Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional** - Anais. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

TOCANTINS (Estado). Fundação Cultural do Estado do Tocantins. **Manifestações Culturais**. Disponível em: <<http://www.cultura.to.gov.br>>. Acesso em: 30 Mai 2011.